



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

Elton David Alves de Macêdo

**A CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA DO FUTEBOL: UMA
ANÁLISE DISCURSIVA DO FUTEBOLÊS**

CAMPINA GRANDE – PB

2017

ELTON DAVID ALVES DE MACÊDO

**A CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA DO FUTEBOL: UMA
ANÁLISE DISCURSIVA DO FUTEBOLÊS**

Monografia de conclusão de curso
apresentada ao Curso de Letras – Língua
Portuguesa da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
à conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. Aloísio de
Medeiros Dantas.

CAMPINA GRANDE – PB

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

M141c Macêdo, Elton David Alves de.

A construção da língua do futebol : uma análise discursiva do futebolês /
David Alves de Macêdo. – Campina Grande, 2017.
55 f.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação: Prof. Dr. Aloísio de Medeiros Dantas".

Referências.

1. Análise do Discurso – Linguagem Esportiva. 2. Análise do Discurso -
Estilística. 3. Análise do Discurso - Futebolês. I. Dantas, Aloísio de Medeiros. II
Título.

CDU 81'42:796.332(043)

Elton David Alves de Macêdo

**A CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA DO FUTEBOL: UMA
ANÁLISE DISCURSIVA DO FUTEBOLÊS**

Monografia de conclusão de curso
apresentada ao curso de Letras – Língua
Portuguesa da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
à conclusão do curso.

Aprovada em ____ de _____ de _____

Banca Examinadora:

Prof(a). Orientador(a) - UFCG

Prof (a). Examinador UFCG

CAMPINA GRANDE – PB

2017

Dedico este trabalho aos meus familiares, amigos e professores que muito contribuíram para minha formação humana e acadêmica. Em especial, meus pais Maria José e Elane, meu padrasto José Francisco, minha avó materna Maria de Lourdes, minha tia Jeane e meu orientador Aloísio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, aos meus pais e familiares, por acreditarem em mim, dedicando o seu amor e tempo no cuidado para com a minha educação. Agradeço também ao meu professor orientador por ter prestado grandes contribuições para o desenvolvimento deste trabalho.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 AS FORÇAS DO DISCURSO	14
2.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE ANÁLISE DO DISCURSO	17
2.2 A ESTILÍSTICA	29
2.2.1 ESTILO NA LITERATURA E NA MÍDIA	29
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
4 O ESTILO DO FUTEBOLÊS E A LÍNGUA NO DISCURSO	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
6 REFERÊNCIAS	54

RESUMO

O presente trabalho, intitulado *A construção da língua do futebol: uma análise discursiva do futebolês*, objetiva discutir a língua do futebol em dois tipos de suporte – livro de obra literária e mídia digital –, buscando ressaltar como se caracteriza os termos futebolísticos em diferentes situações discursivas. Essa pesquisa se justifica, na medida em que o futebol está presente nas conversas dos alunos de escola, o que faz com que esse trabalho traga interesse para a sala de aula de língua portuguesa. Para realizarmos tal objetivo, observamos o futebolês no *corpus* constituído por uma análise dissertativa sobre partidas de futebol, uma notícia de uma partida futebolística, uma matéria jornalística sobre o vocabulário do futebol e uma novela de ficção sobre atleta amador que se torna profissional e vive aventuras dentro e fora de campo, norteados pela pergunta *Como se constitui discursivamente a língua do futebol em vocábulos, expressões e frases feitas?*, à luz teórica da Análise do Discurso (AD) e da Estilística, nas contribuições de Maingueneau, Fernandes, Brandão, Grigoletto, Ferreira, Cazarin, Charaudeau, Orlandi, Indursky, Melo, Câmara Jr., Martins, Riffaterre, Monteiro. A metodologia empregada traz um movimento duplo de descrição e interpretação dos recortes textuais feitos em cada uma das esferas do *corpus*, tomando como análise duas sequências discursivas ou enunciados de cada recorte textual. A análise dos dados está dividida em três subtópicos, que tratam de conotações, destacabilidades enunciativas e interdiscurso no futebolês. A língua do futebol se configura como um discurso/estilo próprio de comunicação na sociedade, revelando o modo como os sujeitos instauram efeitos de sentido para fins de representar suas visões de mundo, o que os constitui em seres de linguagem e de texto.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Estilística. Futebolês.

1 – INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo refletir *Como se constitui discursivamente a língua do futebol em vocábulos, expressões e frases feitas?* Dentre os seus objetivos, configura-se como objetivo geral: verificar a construção discursiva de enunciados e expressões linguísticas do futebol. E como objetivos específicos: (i) verificar quais palavras e enunciados soltos trazem uma nova definição para futebol; (ii) demonstrar que a linguagem do futebol constitui um estilo/discurso diferenciado na sociedade; (iii) articular relações entre valores conotativos, destacabilidade e interdiscurso. Na presente monografia, foram desenvolvidas reflexões em torno da língua do futebol, tomando a princípio esse esporte como uma manifestação cultural.

O futebol é, inegavelmente, um objeto cultural do povo brasileiro. Tal modalidade esportiva movimentou números impressionantes de pessoas e dinheiro no Brasil e no mundo quase como um todo. Milhões de pessoas se concentram em casa, no estádio ou até no trabalho, todos os dias diante das mídias que transmitem ou divulgam o futebol, com a grande intenção de torcer pela vitória de seus times e participarem do espetáculo que é o esporte.

Em um dos eventos mais grandiosos e suntuosos do esporte, a Copa do Mundo da FIFA, os valores pátrios, civis e nacionais estão tão em alta no Brasil, que é possível afirmar que é a atividade cultural em que esses valores estão mais em alta, seja no vestir, no falar e no agir dos brasileiros, escapando à poucos a intensidade dessas expressões. Segundo Souza (2008):

Foi essa experiência coletiva que se verificou durante a realização da Copa do Mundo de 1938, quando os torcedores foram às ruas festejar as vitórias da equipe brasileira. Após a competição, se firmaram diversas representações de futebol e de identidade nacional que perduram até os dias de hoje: “futebol-arte”, “pátria em chuteiras”, “Brasil, país do futebol” e outras. (p. 17)

O Estado brasileiro teve participação nessa construção da imagem futebolística nacional, no entanto não foi elemento único nessa construção. Além do Estado, a imprensa dedicada ao esporte demonstrou um papel fundamental na divulgação e aproximação entre o esporte e os admiradores, que pouco a pouco se tornaram amantes

do futebol. Esses amantes, por vezes, chamados de torcedores compunham o principal grupo entre os integrantes do esporte. Sem os torcedores, máximos espectadores, poderia até haver futebol, mas nunca espetáculo.

O espetáculo futebolístico é uma das grandes expressões de paixão do povo brasileiro. Sendo assim, suscita, nos mesmos, intensos debates que muitas vezes culminam com brigas, que por sua vez, em muitas situações, geram mortes, que maculam o espetáculo e conseqüentemente o Esporte. A modalidade esportiva, aqui discutida, é um dos principais instrumentos de significação da sociedade brasileira, o que justifica o grande número de debates em barzinhos, em estádios, no trabalho, na escola ou em qualquer lugar que se encontrem torcedores apaixonados. Tal justificativa não abre margem para aceitar a violência praticada pelos criminosos disfarçados de torcedores. O futebol é um esporte que nos dá assunto para debater sobre os mais diversos temas da sociedade brasileira, tais como: racismo, gênero, violência, profissionalização, política etc.

Na Academia, o debate reflexivo sobre o futebol, questiona o papel do futebol na sociedade. Para o meio acadêmico, o futebol é um instrumento político alienante do povo, um verdadeiro ópio político e social. Nessa perspectiva, acredita-se que o futebol é um esporte utilizado pelas classes dominantes e governantes para dominar e oprimir as grandes massas. Segundo parte dos acadêmicos, a finalidade dessa dominação é colocar o povo distante da percepção dos verdadeiros problemas sociais e de suas necessidades. É a troca de um problema básico de saúde pela preocupação com o craque contundido. É a troca de um problema de corrupção na política pela preocupação com um esquema de arbitragem. Entre outras trocas de problemas reais e necessários por aspectos do jogo que são feitas inconscientes pelos torcedores. Segundo Fassy, 1982, p. 13 (apud SOUZA, 2008), o futebol:

Sustentou o “milagre” e conseguiu tornar amenos os anos mais duros do governo Médici, com sua vitória em 70. Hoje, os gols de Zico conseguem driblar a aflição de 40 milhões de barrigas nacionais que vivem em estado de extrema penúria. Os lançamentos de Toninho Cerezo fazem com que pais de família, de magros salários, troquem um pedaço de pão e um prato de feijão pelas sempre congestionadas portas do estádio. Somos, neste junho da Copa, o país campeão da inflação e do endividamento externo, mas com uma alta febre de gols verde-amarelos. (p. 22)

Com a citação acima, não há como negar que o futebol foi utilizado como instrumento político, diversas vezes no nosso país. Nos títulos mundiais, houve marcantes participações dos presidentes da República nas festividades de comemoração, como do presidente Médici no tri em 1970 e do presidente Fernando Henrique Cardoso no penta em 2002. Considerando que os anos de eleições em nível macro se dão justamente nos anos da Copa do Mundo FIFA, em campanhas eleitorais também fica evidente a ligação entre a política e a seleção brasileira, com a utilização do clima de Copa do Mundo e da popularidade de atletas, nas campanhas eleitorais de diversos políticos, constituindo intenções eleitorais forjadas de ideias nacionalistas. Tratando das questões temáticas nações e identidade nacional, Eric Hobsbawm (1990, p. 20, apud SOUZA, 2008, p. 24) afirma que as nações são:

fenômenos duais, construídos essencialmente pelo alto, mas que, no entanto, não podem ser compreendidos sem serem analisados de baixo, ou seja, em termos das suposições, esperanças, necessidades, aspirações e interesses das pessoas comuns, as quais não são necessariamente nacionais e menos ainda nacionalistas.

O que Hobsbawm busca ratificar por meio dessa citação é a importância que possui o trabalhador comum na constituição como sujeito de sua história. Mesmo sendo um sujeito que sofre com adversidades inúmeras, seus pensamentos e ações sobre e na nação estão carregados de significações. Sendo assim, a posição que tomamos em relação ao futebol é no mesmo sentido que Hobsbawm encara a identidade nacional. Pensando assim, o futebol é lugar de edificação zero, lugar onde o sujeito constrói significações e representações. Nessa perspectiva, o futebol:

é utilizado, num determinado momento histórico, por um presidente da República, apropriando-se de uma vitória esportiva e servindo-se dela como o significante, através do qual transmite mensagens ideológicas, é também utilizado por um grupo de operários e trabalhadores de classe baixa para tentar demarcar seus próprios limites. (GUEDES, 1977, p. 163, apud SOUZA, 2008).

Assim sendo, o futebol pode ser comparado à identidade nacional, ao passo que ambos são criação e recriação de governados e governantes, dominados e dominantes, fracos e poderosos, pobres e ricos, desfavorecidos e privilegiados. O futebol é ao

mesmo tempo espaço de conflito e de integração, numa constante tensão entre diferentes e diferenças.

Modernamente o futebol tem sido redimensionado de sua condição simbólica inicial como apenas um esporte. Além de constituir uma das modalidades esportivas mais populares, o futebol tem sido considerado uma arte por ter uma linguagem bastante autêntica e específica.

A linguagem que o futebol produz e possui pode ser comparada à linguagem literária, ambígua e subjetiva por natureza. Assim sendo, a linguagem do futebol solicita dos espectadores inferências e interpretações. Desse modo, o futebol assume características de uma obra de arte, tendo seu sentido e forma constituídos à medida que passa pela sua recepção, no ato de interpretação. Sendo possível ao mesmo acontecimento se encaminhar para versões diversas, ambigualmente possíveis.

O carácter artístico do futebol não reside apenas na abertura para a expectativa dos seus receptores, mas também na sua essência mística e imprevisível como um acontecimento de jogo, diferente dos outros que utilizam a bola, que não se pode controlar nem dimensionar por possuir uma margem ampla e incontável.

Outro aspecto que diferencia o futebol em relação aos outros esportes é o desvio da linguagem na comunicação esportiva, em especial a radiofônica. A opção por uma linguagem peculiar na comunicação esportiva tem diferentes motivações. A explicação pela originalidade nas transmissões, tida também como um desvio, pode ser justificada pelo interesse em imprimir um significado conotativo na verbalização ou ainda pela busca de maior audiência em comparação aos concorrentes, sobretudo esportivos.

Essa busca pela autenticidade na comunicação esportiva se caracteriza como um comportamento desviante, pois muitas vezes o locutor esportivo transmite uma narração marcada pelo sensacionalismo de lances do jogo. Esse comportamento tem o objetivo de contagiar o grande público do futebol através da redundância na linguagem, marcada por estereótipos e sinônimos que falam de outra forma sobre o mesmo aspecto do jogo.

A linguagem desviante é mais corriqueira à imprensa radiofônica que televisiva. Isso se justifica porque a transmissão da tv requer menos detalhes na locução do narrador, visto que o telespectador dispõe da imagem para tirar as próprias conclusões sobre os fatos do jogo. Nessa perspectiva, assinala Capinussú (1988):

O jornalista esportivo ligado à imprensa escrita normalmente cultiva uma linguagem diferente, embora alguns termos usuais ao homem de rádio e televisão tenham também se incorporado ao seu vocabulário. Mas a linguagem essencialmente desviante é realmente um privilégio do comunicador radiofônico. (p. 17).

No rádio, a criatividade precisa se sobressair porque a transmissão geralmente começa muito antes do evento esportivo, enquanto que no jornal escrito, o jornalista dispõe de espaço limitado para sua comunicação. O radialista recorre à repetição de termos durante a programação esportiva, diferente do comunicador do jornal escrito, que precisa ser conciso e apresentar um vocabulário rico, sem repetições exageradas. Quando a confrontação é entre a transmissão da tv e a do rádio, têm-se a dimensão das causas do desvio na linguagem do radialista. Enquanto o locutor dispõe do privilégio da transmissão da imagem para os espectadores, o radialista precisa transmitir os detalhes do jogo de modo criativo para conseguir, por meio do desvio, vencer a concorrência.

O desvio emana da sociedade porque ela, ao perceber no comunicador uma linguagem desviante, aceita e se identifica com tal, tornando-se cúmplice do desvio. Os desvios são criados nas respostas positivas às inovações da comunicação em um processo conflituoso que ora aceita, ora rejeita os desvios produzidos. O sujeito que melhor exemplifica a forma desviante de se expressar na comunicação esportiva é o radialista, como ratifica Capinussú (1988) nos termos:

O comunicador esportivo do rádio, aquele indivíduo vibrante, usuário de expressões empregadas para caracterizar suas transmissões de uma forma toda particular, pode ser encarado com um desviante puro, pois está supostamente desobedecendo a uma regra, a da sociedade nas transmissões. (p. 20).

As expressões adquiridas por esse comunicador esportivo são fruto da interação com outros sujeitos desviantes. O aumento do número de locutores desviantes se deve ao sucesso de alguns, que acaba estimulando outros. Para o comunicador esportivo, ser considerado um desviante acarreta na mudança de sua identidade perante o público, o indivíduo passa a ser tido como diferente, em comparação aos que seguem um perfil mais contido.

Ao que adota um perfil desviante lhe é conferido vantagens perante a sociedade. E ele acaba incorporando a linguagem desviante ao seu dia-a-dia por ter seu status social transformado, agora ele é irreverente. A fama o acompanha, possibilitando a ele ser reconhecido profissionalmente por sua personalidade exótica, configurada na linguagem que utiliza. Essa linguagem desviante contagia e influencia o público ao mesmo tempo em que a recepção positiva dá ao comunicador esportivo o incentivo necessário para a fixação dessa forma de expressão numa prática interativa de linguagem.

2 – AS FORÇAS DO DISCURSO

É possível afirmar, a partir dos postulados de Maingueneau (2015), que o discurso é uma organização além da frase, é uma forma de ação, é interativo, é contextualizado, é assumido por um sujeito, é regido por normas, é assumido no bojo de um interdiscurso e constrói socialmente o sentido. Ele introduz a noção de discursos constituintes para explicar que estes atribuem sentidos aos atos coletivos de discurso: “São a um só tempo *autoconstituintes* e *heteroconstituintes*, duas faces que se pressupõem mutuamente [...]” (MAINGUENEAU, 2006, p. 61), isto é, são legitimadores de si, pois estão associados a um grupo de *locutores consagrados* e são fontes ou referenciais de outros discursos, pois conferem poder sobre estes. Cada discurso constituinte é atravessado por outros discursos constituintes num jogo dinâmico de exclusão e convocação mútua.

Como todo discurso constituinte, a literatura mantém uma dupla relação com o interdiscurso: de um lado, as obras se alimentam de outros textos mediante diferentes procedimentos (citações, imitações, investimento de um gênero...) e, do outro, elas se expõem à interpretação, à citação, ao reemprego. (MAINGUENEAU, 2006, p. 72).

O interdiscurso presente no texto literário confere a este uma gama de interpretações enraizadas numa reserva constitutiva. Cada leitura e releitura que é realizada torna mais complexo o labirinto de interpretações do texto. Sendo assim, para Maingueneau (2006, p. 76): “[...] a transgressão das normas do discurso é a marca de que é preciso inferir um sentido oculto, que é precisamente uma reflexão sobre a transgressão.”

Nesse sentido, a análise do discurso literário, proposta por Dominique Maingueneau, propõe estudar a obra literária em conformidade com as suas condições de enunciação, considerando o discurso como instituição que agrega práticas discursivas de construção de sentidos por sujeitos que estão inseridos em demarcadas posições sócio-históricas de produção dos mesmos. É preciso, nesse sentido, admitir a regulamentação existente na enunciação linguística, considerando o texto como um

espaço de administração do contexto discursivo em que o dispositivo enunciativo, num processo recíproco, constitui e é constituído pelo enunciado.

A leitura e interpretação de textos distintos à luz da AD nos dá a possibilidade de desvendar questões que fogem a materialidade linguística, questões que fazem parte da exterioridade discursiva que envolve os textos e que é o espaço social onde os sujeitos estão inseridos de modo sócio-histórico e ideologicamente, assumindo diferentes posições no jogo do dizer e do dito. Em *Análise do Discurso*, a discursivização da categoria espaço em geral coloca em evidência o espaço em inter-relação com o tempo e a inscrição dos sujeitos na enunciação na busca da apreensão desses três elementos pelos discursos que, ao longo da história, são produzidos e reproduzidos sendo transformados.

Seguindo Pêcheux (1990, apud FERNANDES, 2009), a análise do texto literário leva em consideração acontecimentos e cruzamentos discursivos que refletem materialidades importantes na construção do seu corpo, exteriores e precedentes ao texto. A leitura como prática discursiva abre a possibilidade de multiplicar “as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de ‘entender’ a presença de não-ditos no interior do que é dito” (PÊCHEUX, 1997, p.44, apud FERNANDES, 2009, p. 18). Adotando essa posição teórico-metodológica, tem-se a apreensão da materialidade linguística, através de traços que constroem uma memória de nível sócio-histórico, que podem ser estudados de uma maneira melhor pela Estilística.

Conforme essa corrente teórica, o texto possui enunciados passíveis de destacabilidade, são enunciados que possuem autonomia no sentido textual, se configurando como segmentos que podem ser interpretados após seu destacamento e do ponto de vista enunciativo são discursos que englobam generalizações. Não havendo, portanto “[...] necessidade de invocar a literatura clássica para selecionar enunciados destacáveis. Eles se encontram em todos os tipos de discurso, das conversações mais comuns aos textos fortemente monitorados.” (MAINGUENEAU, 2014, p. 14).

A destacabilidade está presente nos textos sob a forma de fragmentos destacáveis, que podem ser desprendidos do seu interior. “(...) trata-se de enunciados que se dão como autônomos, de um ponto de vista textual (não há nenhuma necessidade

de considerar o que precede e o que segue para compreendê-los) e de um ponto de vista enunciativo (são generalizações).” (Maingueneau, 2014, p. 14). É um recurso que possibilita aos enunciados serem independentes e com grande valor de significação.

Atualmente a destacabilidade é muito importante para os profissionais da mídia pois é utilizada para condensar informações, fazer ganchos. É a *sobreasseveração* o meio pelo qual o enunciador toma posição a partir de um destaque que dá para particularidades do seu discurso.

A destacabilidade é um ato comum nos dias atuais, numa época em que a informação é facilmente divulgada e atualizada. À ação de antecipar um destaque futuro, dá-se o nome de sobreasseverar. Os locutores públicos, cientes do contexto informacional em que vivem, tentam, pois antecipar, ou sobreasseverar seus discursos de modo a exercer certo controle com relação ao que lhe será atrelado na grande mídia, como sendo a fala de destaque, objeto de repercussão de seus interlocutores.

É preciso distinguir dois tipos de destacabilidade: o forte e o fraco. No primeiro, a frase é separa do texto matriz e no segundo, a frase permanece adjacente ao texto. O destaque é tão comum hoje em dia na mídia que é quase impossível ver o relato de um acontecimento importante sem a frase de destaque.

2.1 – CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE ANÁLISE DO DISCURSO

Este tópico apresenta os principais conceitos da Análise do Discurso, entre os quais destacamos o sujeito, a formação discursiva e o interdiscurso.

2.1.1 – As faces do sujeito

Observando o tratamento dado ao sujeito nas teorias linguísticas mais recentes, Orlandi (1983) *apud* Brandão (1991), apresentam a distinção de três fases. A primeira fase está voltada para a interação interlocutiva, num jogo de permuta entre o *eu* e o *tu* do discurso, concepção que se alinha à noção de sujeito defendida por Benveniste. Enquanto na primeira fase a ideia de harmonia é presente, na segunda fase, as relações são marcadas pelo conflito. Nessa fase, o centro do discurso está no outro, que determina o que o *eu* diz, exercendo sobre esse um poder soberano de influência. Já na terceira fase, a Análise de Discurso busca romper com a concepção binarista anterior. Essa fase compreende que o sujeito é um ser incompleto, marcado pela contradição. Sendo assim, ele busca ser completo na articulação que faz com o outro, incluindo o dinamismo entre identidade e alteridade, adotando a ideia de que o cerne da relação não está nem em um nem no outro, passando o foco para o espaço discursivo que se abre na interação entre o *eu* e o *tu*.

Para algumas abordagens, com outra perspectiva, a subjetividade está relativizada no *eu* e no *tu*, não mais fixa na visão egocêntrica do *eu*, trazendo o Outro para a incorporação do sujeito. Nessa perspectiva, a linguagem deixa de ser um espaço de realização imaculada do sujeito, uma expressão de seu poder e soberania, e passa a ser um espaço em que o sujeito divide com o outro. Para Authier-Revuz (1982, p. 136 *apud* Brandão, 1991, p. 55), “o sujeito não é uma entidade homogênea, exterior à língua, que lhe serviria para “traduzir” em palavras um sentido do qual seria a fonte consciente”. Essa teoria que tira o sujeito do centro e que propõe um discurso heterogêneo influenciado pelo inconsciente, nos apresenta algumas características do sujeito.

Segundo essa teoria o sujeito é dividido, clivado pelo inconsciente (freudiano), para além da interação com o outro. Considerando ainda a descoberta do inconsciente por Freud, o sujeito também é descentrado, perdendo seu senhorio sobre o próprio

discurso, no entanto reconhece-se que é próprio do sujeito ter a ilusão de ser o centro das coisas. Outra característica relativa ao sujeito é o efeito de linguagem. O sujeito é interpretado mediante sua representação nas formas de enunciar a linguagem, que ao mesmo tempo enunciam a ele num efeito de linguagem.

Com base na Análise do Discurso, a noção de sujeito é despolarizada entre o *eu* e o *tu*. As preocupações atuais da AD estão nas noções de identidade e alteridade e no espaço que esses conceitos criam em suas articulações discursivas, que consequentemente são espaços de significação dos interlocutores no (e do) texto. Essa concepção nos revela duas ideias básicas em Análise do Discurso: a primeira ideia defende que o sentido e o sujeito não são conceitos construídos previamente; enquanto a segunda ideia defende o descentramento do sujeito.

Para a AD, a subjetividade não é a fonte sob qual emana toda a significação, mas o sentido e o sujeito são constituídos no discurso. Segundo Pêcheux (1975, p. 119 *apud* Brandão, 1991, p.62):

O sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em *si mesmo* (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

Para que o sentido seja um e não outro, entra em ação a posição ideológica escolhida, que aciona o sentido direcionado pelos interlocutores. A mudança de sentido ocorre, mediante a mudança de posição ideológica feita pelos empregadores, revelando a determinação que as formações ideológicas causam nessas posições.

Outra ideia sustentada pela AD diz respeito ao descentramento que sofre a noção de sujeito. Essa noção deixa de ser o centro da preocupação, dando lugar aos seus sistemas de representação. O sujeito se representa e é representado no/pelo discurso, espaço que não existe sem o sujeito e que sofre determinações ideológicas, sob a face do poder, e determinações do inconsciente, sob a face dos desejos do próprio sujeito.

Atravessado por dois tipos de esquecimentos, o sujeito cria ilusões discursivas que o colocam no centro das suas ações no discurso. No primeiro esquecimento, o sujeito se considera a gênese do sentido do seu discurso, numa demonstração

egocêntrica e ilusória de dominação. Inconscientemente o sujeito exclui qualquer resquício externo à sua formação discursiva, gerando a ilusão de que o discurso é exclusivamente seu. Já o segundo esquecimento se refere ao pensamento de que o discurso é reflexo do seu conhecimento do real. Esse esquecimento é gerado pela operação que o sujeito faz na seleção linguística do que irá dizer e na consequente recusa no que não irá dizer. Nesse sentido, assinala Grigoletto (2002, p. 37):

Essa distinção indica que o sujeito pode penetrar na zona do esquecimento nº 2 de modo consciente (por exemplo, ao se voltar para o seu próprio discurso com o propósito de corrigi-lo, explicitá-lo, reformulá-lo ou aprofundá-lo, sempre em função de um interlocutor, ou melhor, da imagem que ele, sujeito, faz do seu interlocutor), ao passo que seu acesso à zona do esquecimento nº 1 lhe é constitutivamente negado. Essa é a esfera do interdiscurso, na qual se dá a interpelação-assujeitamento do sujeito pela ideologia.

A função sujeito é marcada essencialmente pela ilusão de ser ele, sujeito, a origem e de ter o controle sobre seu discurso. Por isso, a AD desconstrói a concepção subjetivista do sujeito, em que sujeito e indivíduo estão identificados e defende que ideologicamente, é inacessível ao indivíduo a maneira pela qual ele é constituído como sujeito, conceito que é atravessado por determinações variadas. Sendo assim:

Dizemos, então, que o *sujeito não é livre, não é centrado, não é dono de sua morada*, nem tampouco pleno. Essa repetição de termos dentro de uma mesma rede parafrástica satura de sentidos a idéia-força do assujeitamento e do inconsciente, que são marcas decisivas na configuração do que se vai entender por sujeito. (FERREIRA, 2007, p. 101).

À noção de sujeito parece sempre faltar algo, sendo possível afirmar que o sujeito e a falta são termo interligados, sendo o primeiro constituído pelo segundo. A falta constitutiva do sujeito faz romper três noções interligadas ao sujeito. Na linguagem esse rompimento é verificado no equívoco produzido; na ideologia o rompimento é manifestado na contradição e na psicanálise, o inconsciente é quem representa esse efeito produzido pelo sujeito. Segundo Ferreira (2007, p. 104):

Se não houvesse a falta, se o sujeito fosse pleno, se a língua fosse estável e fechada, se o discurso fosse homogêneo e completo, não

haveria espaço por onde o sentido transbordar, deslizar, desviar, ficar à deriva. A falta é, então, tanto para o sujeito quanto para a língua, o lugar do possível e do impossível (real da língua); impossível de dizer, impossível de não dizer de uma certa maneira - o não-todo no todo, o não-representável no representado.

Interessa para a Análise do Discurso um sujeito em falta, pois é dessa possibilidade que surge os sentidos. A presença do sujeito implica em sua falta, seu banimento é seu apogeu, sua ausência é sua presença, seu apagamento é seu modo de existência e sobrevivência, um verdadeiro assujeitamento de si. O lugar desse assujeitamento, que se manifesta sob a face da ideologia e o lugar do inconsciente, sob a face do desejo, é a linguagem. Na AD, a falta comum à linguagem e ao sujeito, adquire um *status* teórico através da noção de real. Esse real é representado por uma incisão feita na estrutura do sujeito. Portanto, discurso, linguagem e sujeito são acepções sob as quais se têm acesso por meio das faltas.

Nesse sentido, o sujeito é uma posição, um constructo teórico incluído na Análise do Discurso e que representa a posição em que se os sujeitos se inscrevem de acordo com uma formação social. Essa formação gerará o efeito de unidade discursiva e vai ser decisiva nas escolhas feitas pelo sujeito em abolir determinado(s) discurso(s) e assumir outro(s). A AD defende uma teoria não subjetiva de uma subjetividade heterogênea. Para ela, o sujeito é dividido dentro de uma formação discursiva e é representado pelas posições de sujeito. Nesse sentido, Indursky (1998, *apud* CAZARIN, 2007, p. 113) afirma:

[...] o “outro” é constitutivo do “eu”. Estas são as marcas de uma subjetividade heterogênea a ela mesma. (...) uma FD autoriza a divisão sob a aparência da unidade. A unidade é garantida pela identificação imaginária que o sujeito com ela estabelece pelo viés da forma-sujeito e a divisão é consequência da presença de diferentes posições de sujeito que tal identificação possibilita. Ou seja, esta forma de perceber o sujeito instaura o efeito-sujeito. (...) a unidade da forma sujeito é imaginária. Esse sujeito, de fato, é fundamentalmente heterogêneo, disperso e fragmentado. (p. 116-17).

Esse sujeito divide com o outro seu espaço discursivo, portanto é um constructo relativizado pela sua necessidade de complementação com o outro, somado ainda ao inconsciente. O outro carrega não apenas a função de destinatário do discurso, mas também é a fonte de outros discursos construídos historicamente e apresentados no

interdiscurso, que junto com a FD, a memória do dizer e a posição-sujeito afetam o que o sujeito enuncia. Esse sujeito enunciador recebe um afeto duplo, à medida que recebe determinação do que a posição-sujeito lhe infunde e ainda pela relação que esta guarda com a formação discursiva, num funcionamento social do próprio sujeito.

O sujeito, proposto pela AD, é essencialmente discursivo, transpassado pela história, pela sociedade e pela ideologia. A essa noção está subjacente que linguagem e sentidos não são transparentes, mas opacos. O lugar do sujeito é representado pela forma-sujeito em que ele se instala em uma dada FD, que o constitui sujeito, sendo essa relação, determinante na produção de sentidos no discurso. Para a AD não há discurso sem a atuação do sujeito, que por sua vez tem a ideologia como sua constituição inerente. Sendo assim:

[...] o sujeito é, desde sempre, afetado pelo inconsciente e interpelado pela ideologia. A AD parte do pressuposto de que o sujeito não é fonte do sentido, mas se forma por um trabalho de rede de memória, acionado pelas diferentes formações discursivas, que vão representar, no interior do discurso, diferentes posições-sujeito, resultado das contradições, dispersões, descontinuidades, lacunas, pré-construídos, presentes nesse discurso. (GRIGOLETTO, 2007, p. 125).

O discurso é tido como heterogêneo, pois, é resultado de uma série de imbricações feitas pelas FDs, transpassadas em sua vez por uma gama de espaços, de pré-construídos, de cisões que formam diferentes posições-sujeito. O sujeito se apresenta no discurso, a partir de um lugar social, construído sob uma diversidade de relações de poder, que lhe dá ferramentas para mobilizar saberes. Essas relações de poder somadas a ideologia, inscrevem o sujeito em um lugar social, que é constituído discursivamente, enquanto o lugar discursivo é efeito do lugar social ocupado pelo sujeito.

Isso significa dizer que ambos, lugar social e lugar discursivo, se constituem mutuamente, de forma complementar, e estão relacionados à ordem de constituição do discurso. Um não é anterior ao outro, já que um necessita do outro para se instituir. O lugar social só se legitima pela prática discursiva, portanto, pela inscrição do sujeito num lugar discursivo. E o lugar discursivo, por sua vez, só existe discursivamente porque há uma determinação do lugar social que impõe a sua inscrição em determinado discurso. (GRIGOLETTO, 2007, p. 129).

Nesse contexto, língua e história atuam decisivamente no papel que o sujeito ocupa de construir os lugares discursivos. A discursivização ocorre sob a orientação da formação social, que determina quais lugares podem ser preenchidos pelo sujeito enunciador. Ambos, lugares sociais e lugares discursivos são decisivos uns para os outros. No entanto, o sujeito tem a ilusão de que é possível apagar do seu discurso, o lugar social que ocupa no momento da enunciação. Tal ilusão não se confirma, pois o lugar social gera evidências ao se pronunciar um discurso.

Para Guillaume (1964, *apud* Charaudeau 2006, p.179), a definição de efeitos de sentido está relacionada à “[...] infinita variedade de valores de que se podem revestir essas unidades no discurso, em função do contexto em que elas se inscrevem.” Isto é, os efeitos de sentidos são possibilidades de significação abertas pelo contexto discursivo. E que acontecem constantemente.

Corriqueiramente estamos em busca de abstrair os efeitos de sentidos dos discursos. Temos a necessidade de entender ou de nos fazermos entendidos a todo momento que estamos diante de situações em que se processam o discurso. Os efeitos de sentido não surgem do nada. Eles encontram seus sentidos em outras formulações já ditas, tomando por empréstimo suas construções discursivas, produzindo o mesmo ou novos efeitos nos interlocutores.

Podemos afirmar que os efeitos de sentido não estão presos às palavras, expressões ou textos, mas na relação destes efeitos com outros discursos numa relação de ordem parafrástica ou metafórica, que define o rumo a ser tomado pelo discurso. Esses efeitos de sentidos revelam a ação dos sujeitos sobre a língua e imbricadas também na memória discursiva dos mesmos. O sujeito é um elemento fundamental e ao mesmo tempo condicionado e livre pelo processo discursivo.

Segundo Charaudeau (2006, p. 458), o sujeito discursivo é “[...] ao mesmo tempo, sobredeterminado – mas somente em partes – pelos condicionamentos de ordens diversas, e livre para operar suas escolhas no momento de focalizar seu discurso.” Isto significa que o sujeito do discurso é simultaneamente conduzido pelos dados momentâneos do comunicável e livre para usar estratégias que o tornem um sujeito individual.

O sujeito do discurso sofre uma coação pelos seus condicionadores discursivos que o conduzem a se comportar em determinadas situações, com uma certa postura mais retraída. No entanto, paradoxalmente, é nesse momento que surge a oportunidade discursiva do sujeito se individualizar. Todo esse processo é fortemente influenciado pela nossa formação discursiva.

2.1.2 Formação discursiva

Estamos situados numa dada cultura que possui formações diversas, que nos dão suporte para formarmos nossas ideias e opiniões. Na cultura está presente uma complexa rede de sistemas, que são chamados de formações discursivas. Quando falamos, assim o fazemos de um lugar e é esse lugar, isto é, nossa formação discursiva, que atua decisivamente no que pode e deve ser dito em determinada situação.

A formação discursiva é o mecanismo pelo qual as expressões adquirem sentidos específicos. A depender desta ou daquela formação o discurso toma um rumo distinto de sentido, que pode ser justificado pela formação subjacente a ele. Portanto, esse mecanismo é um uma revelação de identidade de um grupo, constituindo os modos de expressão desse grupo.

Para CHARAUDEAU (2006, p. 241) o conceito de formação discursiva designa “[...] todo conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito que pode relacionar-se a uma identidade enunciativa [...]”. Esse conceito constitui um sistema de discursos que representam uma identidade de um grupo social. Essa constituição gera a memória discursiva, que funciona como um eixo a dar rumo ao nosso dizer.

Apesar de representar o conjunto de formulações compatíveis a um grupo social, a formação discursiva não é um conceito estável quanto pode parecer, pois uma FD é essencialmente heterogênea não só a outras FDs, mas a ela mesma, conforme os embates suscitados pelas visões ideológicas diferenciadas. Além disso, uma formação discursiva sofre influência de outras formações discursivas, dando instabilidade às formações e zonas de cada uma FD. Para Brandão (1991, p. 75):

[...] toda FD, no universo do gramaticalmente dizível, circunscreve a zona do dizível legítimo, definindo o conjunto de enunciados possíveis de serem atualizados em uma dada enunciação a partir de um lugar determinado. Ao fazer isso, ela circunscreve também uma zona do não-dizível, definindo o conjunto dos enunciados que devem ficar ausentes do seu espaço discursivo [...].

Dessa maneira, fica delimitado o espaço do Outro, que é apagado do dizer do sujeito, pois *lhe* é incompatível. Nessa definição fica evidente que os enunciados são orientados pelas FDs que determinam o que pode e/ou deve ser dito e o que não pode e/ou não deve ser dito.

Para que a formação discursiva consiga cumprir seu papel de fazer movimentar formulações já feitas anteriormente, é preciso que trabalhe a memória discursiva. Ela é responsável por afastar ou aproximar formulações de FDs que se encontram lado a lado, num movimento de aparecimento de enunciados presentes na história. O conceito de formação discursiva, associado ao de memória discursiva, é tratado com pertinência por Orlandi (1992, p. 20 *apud* GRIGOLETTO, 2002, p. 33) ao afirmar que:

As formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes. O dizível (o interdiscurso) se parte em diferentes regiões (as diferentes formações discursivas) desigualmente acessíveis aos diferentes locutores.

Essa definição de FD proposta por Orlandi (1992) nos mostra que para ele as FDs são espaços em que os sentidos são postos em confronto uns com os outros. Esses sentidos estão em constante alteração e movimentação. No entanto, as FDs são importantes para a significação pois são elas que determinam os níveis de relações entre os sentidos dos enunciados. Na explicação de Foucault (1971),

[...] todo este jogo de relações constitui um princípio de determinação que admite ou exclui, no interior de um discurso dado, um certo número de enunciados [...]; uma formação discursiva não ocupa todo o volume possível que *lhe* abrem de direito os sistemas de formação de seus objetos, de suas enunciações, de seus conceitos; é essencialmente lacunar e isto pelo sistema de formação de suas escolhas estratégicas. Daí que, retomada, colocada e interpretada em uma nova constelação, uma formação discursiva dada pode fazer aparecer novas possibilidades. (p. 83, *apud* INDURSKY, 2007, 164).

Para Foucault (1971), o conceito de formação discursiva é lacunar, portanto, aberto ao deslocamento, à reconfiguração em um novo espaço, que pode fornecer à FD um conjunto de possibilidades de sentidos outros, diferentes dos que existiam anteriormente. Diferente de Foucault, que afasta o conceito de ideologia como ponto primordial de organização de uma dada FD, Pêcheux considera a ideologia e o sujeito como conceitos essenciais na constituição do que chamamos por formação discursiva. Assim sendo, a FD pode ser caracterizada como o que o sujeito pode e deve dizer a partir de regulações feitas pela forma-sujeito, que o tornam um sujeito único, no que Pêcheux (1988, p. 172 *apud* INDURSKY, 2007, p. 166), explica nos seguintes termos:

[...] a tomada de posição resulta de um retorno do ‘Sujeito’ no sujeito, de modo que a não-coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/ objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo de que ele ‘toma coincidência’ e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus ‘semelhantes’ e com o ‘Sujeito’. O ‘desdobramento’ do sujeito - como ‘tomada de consciência’ de seus ‘objetos’ - é uma reduplicação da identificação... [...].

Essa “reduplicação da identificação” pode ser entendida como o modo pelo qual o sujeito do discurso se alinha harmoniosamente com seus próximos e com o Sujeito. Nesse momento está em alta a homogeneidade discursiva, em que os mesmos sentidos são enfatizados. Para relativizar a “reduplicação da identificação”, o próprio Pêcheux propõe modalidades da tomada de posição, que pode ser compreendido como a concretude de um sujeito dividido na própria FD em que se encontra inscrito. Para entendermos melhor como funciona essas modalidades, discutamos cada uma delas.

A primeira modalidade relembra o conceito pecheutiano de “superposição” entre a forma-sujeito e o sujeito discursivo. Essa forma-sujeito causa no indivíduo, através da “superposição”, uma total identificação dele com a forma-sujeito da FD em questão. Esse sujeito também pode ser chamado de “bom sujeito” nos termos de Pêcheux, pois ele é nessa atitude, o reflexo do Sujeito, num movimento de “reduplicação da identificação”.

Inversamente à primeira, a segunda modalidade coloca em embate o sujeito do discurso e a forma-sujeito. Nessa modalidade, o sujeito é visto como “mau sujeito” na

definição de Pêcheux. Aqui o sujeito se contra-identifica com alguns conhecimentos presentes na FD em que está inscrito, numa tensão marcada no interior da FD, que passa a ser vista como heterogênea, com a presença da alteridade, do discurso-outro.

Além dessas duas modalidades, Pêcheux ainda apresenta uma terceira modalidade. Nela, a forma-sujeito está em transformação e movimento e o sujeito é submetido ao processo de desidentificação. Explicando de outra forma, o sujeito deixa de se identificar com a FD que o integra e passa a se identificar com outra FD, com outra forma-sujeito. Nesse sentido, cabe uma explicação de Indursky (2007, p. 171):

[...] é porque o ritual é sujeito a falhas que o sujeito pode se contra-identificar com os saberes de sua formação discursiva e passar a questioná-los. Da mesma forma, é porque o ritual está sujeito a falhas que o sujeito do discurso pode desidentificar-se com a FD em que estava inscrito para identificar-se com outra FD.

Trabalhar com a Formação discursiva é estar diante de um conceito não cristalizável, portanto, propenso à heterogeneidade, à alteridade, às falhas no ritual. Essas falhas são a abertura para que a FD incorpore ao seu sistema, novos saberes e se transforme, mostrando que a FD é um espaço de tensão, não apenas de estabilidade discursiva. Essa constatação sobre a instabilidade das FDs, nos remete a relações entre conceitos na Análise do Discurso.

A primeira relação é entre FD e interdiscurso, já que os sentidos internos à FD, são regidos pelo interdiscurso. Nesse sentido, o interdiscurso funciona como lugar de constituição e articulação dos objetos que serão apropriados pelo enunciador no interior de uma FD, para produzir sua sequência discursiva, num movimento de coerência no intradiscurso. A segunda relação é entre intradiscurso e interdiscurso, numa relação entre a língua e seu sistema e a FD. Essa relação não é clara e homogênea, pois os limites entre o linguístico e o discursivo estão em intenso processo de mudanças nas práticas discursivas.

2.1.3 Interdiscurso

A memória discursiva está relacionada à noção de estratificação do dizer. É o conjunto de formulações já feitas que condicionam o dizer atual, pois “[...] quando

enunciamos há essa estratificação de formulações já feitas que presidem nossa formulação e formam o eixo de constituição de nosso dizer.” (ORLANDI, 2006, p. 21). Essas formulações já feitas estão na ordem do esquecimento, pois não armazenamos todo o discurso já dito.

Esse conceito está relacionado à noção de pré-construído, pois a memória discursiva é o condutor imaginário de nosso dizer, enquanto que o pré-construído é a revelação linguística da existência desse condutor.

A fala dos sujeitos é entrecruzada por outros dizeres já formulados em outros lugares em outras circunstâncias. Para Pêcheux (1988, *apud* DANTAS, 2007, p. 73-74):

[...] interdiscurso caracteriza-se como a determinação que as formações discursivas exercem sobre a produção textual de cada um, na forma de um conjunto de discursos (ditos em outro lugar e sob outras circunstâncias), que são *desiguais*, porque sempre dizem algo diferente, *contraditórios*, porque surgem de lugares diferentes e *subordinados*, porque são determinados por heterogêneos sistemas culturais.

O interdiscurso fornece material necessário para o sujeito dizer de maneira segura algo que já foi enunciado e validado outrora. É o fio invisível que determina a extensão do que dizemos, como, por exemplo, o pré-construído.

O pré-construído é a instância produzida em outro discurso precedente ao discurso atual em estudo e que não depende dele. É um conceito que tem como característica dar qualidade à expressão por meio dos limites impostos à interpretação.

Para CHARAUDEAU (2006, p. 401), “O pré-construído pode ser entendido como a marca, no enunciado, de um discurso anterior [...]”. Portanto, esse conceito está em oposição àquilo que é formulado no momento do dizer, pois é a evidência do “já dito” e porque não sabemos mais quem foi o seu enunciador. O pré-construído traz de volta resquícios de discursos anteriormente formulados por enunciadores que foram esquecidos com o tempo. Para Grigoletto (2002, p. 34), “o pré-construído é o traço, no nível sintático, dessas construções exteriores e pré-existentes ao enunciado, daí o efeito de evidência que ele causa (como já estando lá), em oposição ao que é construído no enunciado.”

O conceito de pré-construído está relacionado ao de interdiscurso, pois contribuiu para desenvolver a noção de imbricação entre as formulações e relações com discursos outros e exteriores que decisivamente perpassam o discurso de um sujeito. O interdiscurso exerce uma superioridade sobre o discurso à medida que o primordialmente analisado não é o próprio discurso, mas o espaço criado para acontecer às permutas entre os vários discursos selecionados.

Para melhor explicar o interdiscurso, Maingueneau (1984, p. 27 *apud* BRANDÃO, 1991, p. 73) faz a distinção de alguns conceitos, como *universo discursivo*, *campo discursivo* e *espaços discursivos*. O universo discursivo, como o nome sugere, refere-se ao agrupamento amplamente diversificado de formações discursivas que se relacionam numa determinada ocasião. Já campo discursivo, diz respeito à concorrência delimitada entre formações discursivas no universo discursivo. E espaços discursivos são relacionados à seleção feita pela analista do discurso no interior de um campo discursivo com propósitos particulares.

2.2 – A ESTILÍSTICA

2.2.1 – ESTILO NA LITERATURA E NA MÍDIA ESPORTIVA

Ao estudar o discurso, percebemos o trabalho que o sujeito tem de realizar sobre a língua, o que pode ser caracterizado como formas estilísticas, que é o objeto do que se denominou de Estilística.

Impulsionada por Charles Bally, em 1902, a Estilística é uma ciência que busca até hoje sua emancipação frente às disciplinas da Linguística. Motivado por ressaltar que a língua não funciona apenas como mera expressão do pensamento humano, mas também funciona como uma via em que se exprimem sentimentos, sensações, “[...] propôs-se Bally estudar os efeitos da afetividade nos atos de fala, os processos de que se servem as línguas para deixar ver a carga emocional que tão frequentemente – quase sempre – acompanha o enunciado.” (MELO, 1976, p.15).

O homem é um sujeito que tem em sua sensibilidade uma força que o domina e o move no mundo. Ele anseia refletir o mundo e ser refletido no mundo em que vive, mesmo que muitas vezes esse ato seja involuntário. Em todo momento, há essa intercomunicação de sentimentos e, por conseguinte, vemos evidências desse dinamismo nas enunciações. Segundo Câmara Jr. (1978, p.13):

A língua nos fornece as formas para estabelecer (al. *Darstellung*) e dar a conhecer na comunicação social (al. *Bericht*) as nossas representações de um mundo objetivo e de um mundo interior. Mas ajunta-se-lhe espontaneamente a exteriorização do estado d’alma em que tais representações nos lançam, e o impulso de fazer o próximo partilhá-lo conosco.

A língua abstrai em seus elementos composicionais doses de conteúdo afetivo que os transforma de maneira significativa aos participantes do discurso num determinado ato de enunciação. Trata-se do esforço empregado para se obter resultados particulares no processo de significação.

Dentre as formas de Estilística, encontramos aquela que se concentra no estudo da língua e aquela que se refere às obras literárias. A Estilística da língua ocupa-se em

descrever o seu sistema expressivo com atenção para os aspectos espontâneos e afetivos da língua falada, que é viva e dinâmica.

Bally inicia, assim, *A Estilística da língua ou da expressão linguística*, que se ocupa da descrição do equipamento expressivo da língua como um todo, opondo a sua Estilística ao estudo dos estilos individuais e afastando-se, portanto, da literatura. (MARTINS, 1989, p. 4).

Para Charles Bally, a Estilística estuda a relação de troca entre a sensibilidade expressa na linguagem e a influência da linguagem sobre a sensibilidade. A outra Estilística, a literária, iniciada por Spitzer, tem em sua matriz reflexiva estudos psicológicos sobre os desvios que ocorrem na linguagem em relação ao seu estado usual e comum. “[...] uma emoção, uma alteração do estado psíquico normal provoca um afastamento do uso linguístico normal;” (MARTINS, 1989, p. 7). Esse afastamento do comum é, portanto, uma pista da mudança de um estado de espírito. Sendo assim, a missão da Estilística literária é analisar a constituição da obra literária e considerar a poeticidade do texto verificando o prazer estético que ela é capaz de despertar no leitor.

A Estilística possui diversas definições, que não são excludentes, mas que se complementam. “Assim, por exemplo, as características individuais podem incluir escolha, desvio da norma, elaboração, conotação, o que mostra a dificuldade de tais classificações.” (MARTINS, 1989, p. 1-2)

O desejo da Estilística de atingir um status de ciência vem justamente, segundo Martins (1989), da sua intenção particular de “[...] explicar os usos da linguagem que ultrapassam a função puramente denotativa [...]” (p.22). Com esse objetivo, a Estilística despreendeu-se da Retórica; no entanto, ainda não delimitou tão claramente seu objeto de estudo.

Ultrapassando os limites denotativos, a Estilística apresenta ao sujeito as inúmeras possibilidades de expressividade da língua, as quais contribuem para a valoração e significação dos discursos. Deste modo, a tarefa do autor/escritor é mais complexa no processo comunicativo do que a do locutor, pois, enquanto este pode adaptar seus propósitos comunicativos de acordo com as reações, o autor/escritor tem que prever o jogo existente entre a pura comunicação e os potenciais conativos da língua. Nesse sentido,

O autor é bastante consciente do que faz; preocupa-se *com a maneira pela qual ele quer que sua mensagem seja decodificada*, de modo que não é apenas a significação desta, mas também sua própria atitude diante da mensagem, que são transmitidas ao leitor; o leitor, naturalmente, é forçado a compreender, mas também a aprovar as intenções do autor quanto ao que é, e ao que não é importante na mensagem. (RIFFATERRE, 1973, p. 36).

Tal atenção na codificação por parte do autor não é apenas uma atitude de controle das operações de decodificação futura, mas é uma condição essencial a qualquer uma mensagem escrita. Nessa atitude, o receptor é contrariado a abandonar seu comportamento natural de recepção ativa e passa a ter que regular sua decodificação a partir da codificação proposta pelo autor.

Partindo dessa relação dicotômica entre codificador e decodificador, o estudo da estilística deve contemplar a articulação entre a visão sincrônica e a visão diacrônica, entre continuidade e a modificação. Tendo de um lado, uma linguagem conservada pela escritura de controle da decodificação e de outro lado, as diversas atualizações feitas pelos diferentes decodificadores ao longo da história em suas relações com os limites do texto e dos leitores outros.

Esses leitores podem entender o sentido de uma mensagem com uma simples decodificação. No entanto, se o escritor atribuir uma importância estética a determinados aspectos formais, o leitor precisa ir além de uma decodificação mínima. A decodificação tanto mais será controlada quanto menor for a previsibilidade dada ao leitor.

O leitor, no processo comunicação mínima, se dá conta do estilo de uma obra literária a qual ele está decodificando, quando põe sob análise contrastiva as modificações expressivas que ocorrem no próprio sistema de expressão linguística. A análise dessa oposição que coloca em comparação a língua do autor em relação aos efeitos pode ser útil na descrição do estilo e seus desvios. No entanto, não é fácil colocar em oposição a língua do autor ao estilo, pois ela se dispersa nos efeitos estilísticos.

Os efeitos que a estilística do texto literário gera, trazem consigo julgamentos de valor associados às suas características estéticas e afetivas e que ficaram fora, por bastante tempo, da abrangência do linguista, dado seu caráter subjetivo e variável de

acordo com as correntes e modas de época. Os julgamentos de valor, subjacentes à qualquer interpretação do texto literário, são motivados por aspectos codificados no próprio texto. A interpretação em sua liberdade é limitada de acordo com a permanência da mensagem.

Essa mensagem literária apresenta uma característica imutável, pois a partir do término de sua construção ela não possibilita trocas. Nesse sentido, o estilicista tem a função de investigar como se dá a permanência da mensagem e de que maneira uma estrutura se impõe como destacável perante outras possibilidades que ficam excluídas. Já sobre a função estilística, Riffaterre (1973) afirma:

A estilística estuda os elementos que, no enunciado linguístico, são utilizados para impor ao decodificador a maneira de pensar do codificador, quer dizer, estuda o ato de comunicação não como mera produção de uma cadeia verbal, mas como algo que traz a marca da personalidade do locutor e chama a atenção do destinatário. (p. 138).

Em síntese a essa definição, poderíamos dizer que a estilística estuda o estilo literário demonstrado no rendimento linguístico quando se quer transmitir uma densa carga expressiva. Sendo assim, a estilística deverá se preocupar em estudar a linguagem sob a ótica do decodificador, pois, suas reações e seus julgamentos de valor no ato de decodificação, fazem levantar hipóteses sobre a codificação feita pelo autor. Ainda de acordo com Riffaterre (1973), “A estilística deve ser uma linguística dos efeitos da mensagem, do rendimento do ato de comunicação, da função de imposição que esta exerce sobre nossa atenção.” (p. 139).

A estilística estuda as formações que não aceitam nenhuma permuta. Ela se preocupa com o regimento que impede o decodificador de compreender a mensagem utilizando apenas a decodificação mínima. Portanto, a função estilística se dá no processo de codificação da mensagem, em que o autor limita o campo de percepção do decodificador.

O autor, durante a codificação, representa na língua não só um mundo objetivo, mas também toda uma carga afetiva, individual, que evoca o outro a partilha de emoções. Neste caso, “O sujeito falante rege-se por um sistema linguístico de representações intelectivas que estabelece a comunicação pela linguagem, e

simultaneamente o utiliza para satisfazer os seus impulsos de expressão.” (CÂMARA JR.,1978, p. 15).

Neste cenário, a estilística se depara com três exercícios: caracterizar amplamente uma pessoa no uso que faz da linguagem; identificar os traços de uma espécie de língua individual que se afastam de uma perspectiva coletiva e ainda interpretar a expressividade contida nos traços linguísticos. Essa expressividade acontece graças à liberdade que temos para sermos originais na língua, satisfazendo o desejo do nosso espírito em se manifestar estilisticamente.

A cada momento, no discurso, somos desafiados a expressar um estado de espírito, exteriorizar na língua o interior de nossa alma. Nessas condições, ocorre uma tensão do aparelho linguístico, colocado à disposição das emoções que se quer transmitir, conferindo ao estilo uma difícil tarefa.

Tarefa complicada também é definir o campo de estudo da estilística, justamente pela variedade de acepções que o termo *estilo* pode sugerir. Para Murry (1949, p.45 *apud* MONTEIRO, 1991, p. 9), o estilo pode ser encarado como a) o agrupamento de traços da constituição da personalidade de um escritor; b) o que realmente importa para dar reconhecimento ao que alguém escreve e c) a realização plena de uma acepção universal em um termo individual. Já para Carvalho (1937, p. 303 *apud* MONTEIRO, 1991, p. 12) o estilo refere-se a um “[...] conjunto objetivo de características formais oferecidas por um texto como resultado da adequação do instrumento linguístico aos propósitos específicos do ato em que foi produzido.” Isto é, a utilização da língua para fins precisos do ponto de vista individual.

Outras definições importantes em estilística são os termos norma e desvio. Para Monteiro (1991), a norma refere-se às “[...] construções ou usos da maioria da população, ao passo que os desvios são as alterações ou variações havidas por desconhecimento da norma ou por intuito expressivo.” (p. 13). A norma é estabelecida em grande proporção, enquanto os desvios são um desconhecimento ou habilidade com relação ao uso da língua. Ainda segundo Monteiro (1991),

[...] a antinomia norma e desvio nem sempre estabelece uma correspondência biunívoca com gramática e estilo. Além de haver desvios negativos, de nula expressividade, há os que só o são assim definidos em relação a determinado tipo de norma. Por outro lado, existem elementos estilísticos que não se caracterizam como desvios, mas apenas como possibilidade de escolha dentro da própria norma. (p. 15).

Nessas condições, as definições de norma e estilo não são facilmente compreendidas, dadas suas definições variantes de acordo com o contexto apresentado. Outro conceito que depende do contexto e que se encontra em oposição à denotação é a conotação. Qualquer evocação de um termo só é percebida em sua total intensidade e torna-se passível de análise mediante a apreensão do contexto em que ela está inscrita. Desse ponto podem surgir os problemas na interpretação. Algumas palavras podem ser mal compreendidas quando o receptor dá destaque a um traço de significação que naquele contexto o locutor não tinha intenção de enfatizar. Sobre a análise das conotações no texto literário, Monteiro (1991) afirma:

Ela se funda nos mecanismos de relacionamento paradigmático, que tanto pode ser desencadeado a partir do significado como do próprio significante. Ou seja, um vocábulo sugere outros que com ele mantenham alguma semelhança fonológica ou vínculo semântico. (p. 20-21).

Podemos dizer que a linguagem conotativa é riquíssima por ser ampla e diversificada nas acepções de significação dos termos. Em contrapartida, a denotação é restrita a apresentação da informação objetiva. Aproximando-se ao máximo do grau zero para supor um discurso que se amolda à clareza da comunicação.

3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo se propõe a apresentar informações acerca dos procedimentos metodológicos que orientarão o tratamento dos dados deste trabalho monográfico. Nossa pesquisa se insere na abordagem da Análise do Discurso e da Estilística. A AD nos possibilita explicações para a ocorrência dos discursos numa dimensão ampliada, que envolve alguns fatores que extrapolam os limites aparentes da língua, ressaltando os sentidos do interdiscurso; por sua vez a Estilística nos dá meios para tratarmos questões de estilo presentes nos diferentes textos de nosso *corpus*. Estilos que não aparecem por acaso, mas possuem um direcionamento a ser conferido ao discurso, a depender das escolhas do autor e variáveis conforme os lugares discursivos.

Ancorados nas postulações desses dois campos do conhecimento, apresentaremos a análise do objeto de estudo, a língua do futebol. Nosso *corpus* é constituído de dados de natureza ficcional e de natureza real. Realizaremos a análise da obra ficcional, de modo a tentar aproximá-la da realidade compartilhada pelo discurso que revela o “futebolês”, a língua do futebol. Desse modo, o contexto de nossa pesquisa está nos discursos que são produzidos na língua real do futebol nos suportes virtuais, bem como no gênero ficcional. Falamos de lugares discursivos estabelecendo ligações entre a língua na literatura e nas mídias esportivas.

Nossa pesquisa é de cunho qualitativo, pois em sua constituição está presente, como afirma Minayo (2012, p. 622), “[...] um conjunto de substantivos cujos sentidos se complementam: experiência, vivência, senso comum e ação.”. A língua do futebol é fruto da experiência humana com o esporte, que ancorada no senso comum, alimenta a constituição de discursos consolidados a significar aspectos do jogo, sendo assim, utilizaremos a pesquisa qualitativa para buscar compreender e explicar a dinâmica desse discurso.

Como procedimentos, faremos uma pesquisa de cunho descritivo e explicativo. Para Triviños (1987, apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 35), o estudo descritivo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade. Enquanto que “[...] uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de outra descritiva, posto que a identificação de fatores que determinam um fenômeno exige que este seja

suficientemente descrito e detalhado.” (GIL, 2007, p. 43 apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 35).

Em função desses procedimentos metodológicos e do corpus constituído, esta pesquisa monográfica caracteriza-se como documental, pois esta, “[...] recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico [...]” (FONSECA, 2002, P. 32 apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 37). Com essa opção procedimental, acreditamos estar de acordo com a diversidade do nosso *corpus*, que é constituído por uma novela, uma análise dissertativa de partidas de futebol, uma notícia futebolística e uma matéria jornalística sobre expressões do futebol.

De posse desse corpus e a partir dos dois campos do conhecimento, AD e Estilística, nos serviremos de três categorias de análise, a saber: conotação, destacabilidade e interdiscurso. A primeira categoria própria da Estilística, a segunda, comum a ambos e a terceira categoria, exclusiva da AD.

Trataremos a obra a ser analisada, *Páginas sem glória*, como documento a ser apreciado, com foco para as expressões mais significativas para retratar o discurso destacável sobre futebol. Cruzaremos essas expressões com outras coletadas da internet em três suportes diferentes a fim de verificarmos como se apresenta a língua do futebol em diferentes espaços discursivos.

Faremos a análise num movimento duplo e simultâneo de descrição e interpretação dos dados, confirmando que para a AD a interpretação também é um dispositivo analítico. A descrição e a interpretação estão inter-relacionadas na AD, ao passo que o momento da descrição também o momento da interpretação. Para Orlandi (1999), o dispositivo analítico se firma pela intercessão teórica que faz e caracteriza-se para o analista do discurso em função de três fases metodológicas, a saber: a questão reflexiva que o analista faz ao *corpus* do trabalho; o campo científico a que ele relaciona sua pesquisa; e os resultados alcançáveis a partir do seu trabalho com o dispositivo analítico de descrição e interpretação.

Encaminharemos a pesquisa buscando responder à questão: *Como se constitui discursivamente a língua do futebol em vocábulos, expressões e frases feitas?* Sendo assim, temos como objetivo geral: verificar a construção discursiva de enunciados e expressões linguísticas do futebol. E como objetivos específicos: (i) verificar quais

palavras e enunciados soltos trazem uma nova definição para futebol; (ii) demonstrar que a linguagem do futebol constitui um estilo/discurso diferenciado na sociedade; (iii) articular relações entre valores conotativos, destacabilidade e interdiscurso.

Essa pesquisa se justifica, na medida em que o futebol está presente nas conversas dos alunos de escola, o que faz com que esse trabalho traga interesse para a sala de aula de língua portuguesa.

Quanto ao *corpus* da pesquisa em AD, ele se constitui como empírico ao tratar de material concreto e constitui-se como teórico, ao analisar o objeto produto da pergunta de pesquisa, isto é, a discursividade. O objeto empírico é visto como uma unidade passível de análise a partir de Recortes Textuais (RT), que são conjuntos de fragmentos textuais que acumulam mais de um enunciado e são identificados numericamente. No que se refere ao objeto teórico, o discurso é analisado por meio de Sequências Discursivas (SD), ou seja, sequência de enunciados que evidenciam a discursividade do sujeito do discurso e são identificadas na análise por letras minúsculas.

Na análise, leva-se em consideração três etapas. A primeira etapa diz respeito à passagem da superfície linguística para o texto e conseqüentemente a transformação do texto em discurso. A segunda etapa é responsável por transformar o objeto discursivo em processo discursivo. Quanto à terceira etapa, é o momento de colocar em confrontação as intradiscursividades e interdiscursividades, fazendo simultaneamente a descrição e análise do processo discursivo do material analisado.

4 – O ESTILO DO FUTEBOLÊS E A LÍNGUA NO DISCURSO

A análise dos dados é feita a partir de quatro diferentes esferas que constituem o *corpus*. A primeira, consta de uma análise dissertativa, intitulada *Top 10: As maiores finais de Liga dos Campeões que vi*, do blog do Vitor Sérgio, em que o autor faz uma análise das finais da Liga dos Campeões de um recorte da temporada 1993-1994 até 2011-2012; A segunda esfera, trata-se da notícia *Barcelona massacra Real Madrid no Bernabéu e Cristiano Ronaldo é vaiado*, publicada no jornal Folha de São Paulo, a notícia aborda o “El clásico” espanhol válido pela 12ª rodada do campeonato espanhol da temporada 2014-2015; A terceira esfera diz respeito à matéria *Dicionário Micale: a procura do ouro traz um novo jeito de falar de futebol*, ela aborda a atualização de expressões futebolísticas a partir das concepções do então técnico da Seleção Olímpica do Brasil de 2016; A última esfera do *corpus* trata-se da novela *Páginas sem glória*, do escritor Sérgio Sant’Anna, que discorre sobre a história de um jogador amador que se torna profissional e que vive diversas aventuras no ramo do futebol, seja em campo ou extracampo. No contexto do futebol carioca, a novela é marcada por um surpreendente desfecho na breve carreira profissional do Conde, personagem principal.

4.1 – As conotações no vocabulário do futebolês.

RT1: “O Bayern de Munique jogava em casa contra um Chelsea que havia renascido a partir da segunda partida das oitavas-de-final, com a demissão de André Villas-Boas e com o interino Roberto Di Matteo. O jogo foi de um domínio dos alemães no tempo normal, mas a retranca, consciente, do Chelsea prevaleceu quase até o fim. O irregular Thomas Muller fez 1 a 0 aos 38 do 2º tempo. Quando a Allianz Arena dava como certo o título, o salvador Drogba marcou de cabeça após o escanteio. Nos pênaltis, o erro de Schweinsteiger acabou sendo um pecado para o excepcional jogador. Drogba não perdoou e deu o esperado título ao Chelsea.

SDa: “[...] um Chelsea que havia **renascido** [...]”

O primeiro recorte textual analisado foi retirado da matéria “Top: As maiores finais de Liga dos Campeões que vi” do Blog do Vitor Sergio, publicada em 23 de maio de 2013. Nessa matéria o autor analisa as finais mais emocionantes e inesquecíveis que ele viu com o recorte temporal dos anos de 1994 a 2013.

A primeira sequência discursiva analisada refere-se à final entre Chelsea x Bayern de Munique na temporada 2011-12. Nessa final, disputada na Allianz Arena, o poderoso Bayern de Munique, vencedor até então de quatro títulos da Liga dos Campeões, favorito para a conquista, enfrenta o Chelsea que nunca havia ganhado a competição.

Pensando sobre o termo chave utilizado pelo blogueiro, o autor utilizou o termo “renascido” para atestar o estado em que se encontrava a fase do Chelsea naquela final e dimensionar ao leitor o poder de resiliência do time londrino. Nos dicionários temos a princípio de definição renascer como a obviedade de “nascer de novo”, “adquirir nova vida” ou a condição de “rejuvenescer”. No contexto da matéria, o renascimento do Chelsea está condicionado à sua condição anterior à final disputada na Alemanha.

Até chegar a final, o Chelsea havia sofrido durante a campanha na Liga, a ponto de demitir o técnico. A partir do segundo jogo das oitavas-de-final, a equipe começou seu renascimento. Após o interino Roberto Di Matteo assumir o comando técnico, o time começou a mostrar consistência defensiva que lhe garantiu chegar à final. A expressão “renascido” se refere à reviravolta na campanha do time e não só na campanha, como também na final. Após o time estar perdendo por 1 a 0, o time mostrou-se capaz de renascer na partida e empatar, ou seja, ter uma nova vida num jogo que os torcedores alemães consideravam o rival morto e a taça ganha. O renascer dos blues foi visto de duas formas: na competição como um todo e na final.

SDB: “Drogba não **perdoou** e deu o esperado título ao Chelsea.”

A segunda sequência discursiva, retirada do mesmo recorte textual, traz uma expressão que tem sentidos ligados ao campo do religioso. Na dicionarização da palavra, “perdoar” significa absolver o outro de uma culpa. Se pegarmos essa definição, consideraríamos que para Drogba não perdoar alguém, é preciso que alguém o tenha cometido algum ato ruim. No entanto, a expressão perdoar assume outra forma se pegarmos o contexto em que ela foi colocada.

A partida analisada foi para os pênaltis, após o 1 a 1 do renascimento do Chelsea. Durante as cobranças o craque da seleção alemã, Bastian Schweinsteiger, desperdiçou o pênalti que cobrou. Para o autor da matéria, o erro foi um pecado, por se tratar de um jogador excepcional. No senso comum, os craques não devem errar o

pênalti, isso ficou para jogadores sem qualidade. O erro de um craque na cobrança foi caracterizado como um “pecado”, isto é, aquilo que os jogadores “puros e divinos” (craques) não devem errar. O erro é normal para os jogadores “não divinos” (pernas-de-pau).

A partir dessa construção em torno da palavra “pecado”, o autor utiliza a expressão em análise “perdoou”. Na frase, o atacante do Chelsea, Didier Drogba, não perdoou. Mas não perdoou o quê? Não perdoou o pecado cometido pelo meio-campo do Bayern na cobrança anterior. No futebol, não perdoar significa aproveitar a chance que lhe aparece a partir de um erro adversário. Drogba não perdoou porque não deu ao time adversário uma nova chance pelo erro que cometeram.

RT2: “Logo depois, aos 7 min, o Barça sacramentou a vitória. Iniesta, que vinha desfilando em campo, marcou um goloço da entrada da área, após receber passe de letra de Neymar.”

SDc: “Iniesta, que vinha **desfilando** em campo [...]”

O segundo recorte textual está inserido numa matéria no jornal online *Folha de São Paulo*, publicada em 21 de novembro de 2015, sob o título de “Barcelona massacra Real Madrid no Bernabéu e Cristiano Ronaldo é vaiado”.

A sequência discursiva selecionada traz uma expressão para definir o comportamento, dentro do campo, de um jogador do Barcelona. O meio-campista espanhol é considerado um jogador diferenciado, um verdadeiro craque. A expressão em destaque alusiva ao jogador é “desfilando”. Nos dicionários, desfilar significa “andar em marcha”. Nesse sentido objetivo, não é possível fazer uma conexão com a descrição feita pela matéria, pois é inimaginável que enquanto o jogo está acontecendo, um dos jogadores está marchando em campo.

No sentido conotativo, aliado ao futebol, podemos entender que assim como um modelo ao desfilar apresenta a arte (do estilista), aliada à sua beleza (seu corpo), o jogador em questão está mostrando com elegância seu repertório e beleza futebolística. Num movimento em que ele é o estilista e ao mesmo tempo é o modelo, o que cria e mostra sua arte, o jogador que desfila.

RT2.1: “Luis Enrique também aproveitou para elogiar Iniesta. O técnico disse que entende os aplausos porque o meia é “patrimônio da humanidade”.”

SDd: “O técnico disse que entende os aplausos porque o meia é “**patrimônio da humanidade**”.”

O recorte textual número 2.1 também foi retirado da matéria da *Folha de São Paulo*. Desse recorte textual, surge a sequência discursiva analisada em que aparece o discurso do treinador do Barcelona após a partida histórica no estádio Santiago Bernabéu.

O técnico do Barcelona elogia Iniesta após a excelente partida do meio-campista do time. Luis Enrique na tentativa de explicar o que ocorrera (o jogador foi aplaudido pela torcida rival), diz entender o porquê dos aplausos dos expectadores. Para ele, Iniesta é “patrimônio da humanidade”.

Nas acepções das pessoas, “patrimônio da humanidade” diz respeito a uma região do globo terrestre que é considerada pela comunidade científica como de importância inigualável, devendo ser preservada e admirada. No contexto em questão, essa condição é referida a um jogador para qualificá-lo como um jogador que deve ser admirado pela humanidade. O jogador que havia marcado o gol do título da Seleção espanhola de futebol na final da Copa do Mundo de 2010 contra a Holanda, passou a ser aplaudido em todos os estádios espanhóis em que desfilava seu futebol, já que se trata de um ídolo nacional.

Ao caracterizar Iniesta como “patrimônio da humanidade”, Luis Enrique mostra que o jogador está numa seleta galeria que só os grandes craques do futebol estão. Nessa galeria estão jogadores que independente de quais bandeiras estão vinculados (assim como os patrimônios mundiais) pertencem à admiração mundial.

RT3: “**Um contra um** – Sigamos na simplificação dessa linguagem. Que ninguém nos leve a mal. “Um contra um” também atende pelo nome de “mano a mano”. Para ir mais longe, um jogador bom no um contra um é... por que não?... ensaboadado. Liso. Enjoado. Um azougue! Ou seja, ele é muito bom para se livrar do adversário. Ele dribla com enorme facilidade. Lembra Galvão na Copa de 1994 quando Romário saía em disparada contra suecos e italianos? “Quero ver segurar o Baixinho!” Pois é. Ele era terrível no um contra um.”

SDe: “Para ir mais longe, um jogador bom no um contra um é... por que não?... **ensaboado.**”

O recorte textual número 3 foi retirado de uma matéria do site Globoesporte.com, sob o título de “Dicionário Micale: a procura do ouro traz um novo jeito de falar de futebol.” A matéria traz várias expressões que foram atualizadas pelos envolvidos com o esporte popular e que estão presentes no vocabulário do então treinador da seleção olímpica do Brasil, Rogério Micale.

Na primeira sequência discursiva analisada, temos a definição para um jogador que é bom no “um contra um”. Para a matéria, o jogador que tem habilidade para enfrentar o outro de modo individual (um contra um), pode ser considerado ensaboado. Ensaboado, na definição mais objetiva, é o sujeito que está com sabão sob o corpo. Essa definição não se encaixa com o futebol, pois nunca vimos um jogador se ensaboar para poder enfrentar um adversário.

No contexto empregado, o autor utiliza o termo “liso” para redefinir esse tipo de jogador. A partir daí começamos a levantar hipóteses do que pode ser um jogador ensaboado. Sabemos que o sabão deixa o corpo liso, sem emperrar. O jogador ensaboado é aquele que não emperra perante o adversário. Ele passa com facilidade por ser liso, ser um jogador que não é fácil de ser contido. A facilidade com que saí de situações truncadas é comparada à um sabão.

Sdf: “Lembra Galvão na Copa de 1994 quando Romário saía em disparada contra suecos e italianos? “Quero ver segurar o Baixinho!” Pois é. Ele era **terrível** no um contra um.”

Na segunda sequência discursiva do recorte textual, o autor traz um exemplo de um jogador que era bom no “um contra um”, era terrível. O jogador em questão é Romário, atacante e artilheiro da seleção brasileira na Copa do mundo de 1994. O jogador teve criada pelo narrador Galvão Bueno, uma frase para definir sua capacidade: “Quero ver segurar o Baixinho!”.

A expressão em destaque na sequência discursiva traz consigo um significado pejorativo. Terrível pode ser definido como algo ruim, que causa temor ou como algo que não teve sucesso. No contexto empregado, pelo contrário, o Baixinho era terrível

justamente por ser um jogador de sucesso no “um contra um”. O termo “terrível” se refere ao que o jogador causava nesse tipo de jogada.

RT4: “A bola procura o craque, como já se apregou aqui? Não, não é bem isso. É que o craque, uma vez reconhecido o terreno acidentado, vai postar-se, para receber um passe a ele endereçado, não onde a bola deveria chegar, se as leis da física prevalecessem em Figueira de Melo, mas onde ela efetivamente chega, calculando-se fatores quase imponderáveis como a resistência dos buracos e a aceleração provocada pelos montinhos. Aí o craque, no caso o Zé Augusto, de virada, dá um chute rasteiro, sonso, mascado como uma espirrada de taco de sinuca. Um chute aparentemente errado, fácil para o goleiro, que até então estava pegando tudo e pula no canto certo. Só que a bola vem pererecando, pererecando e, no último instante, salta por cima do guarda-meta, para morrer no fundo da rede. O goleiro vai lá dentro do gol, pega a bola com uma das mãos e a contempla, como o Hamlet, de Shakespeare, contemplou a caveira, mas como se dissesse: “Você ficou louca?”.

SDg: “É que o craque, uma vez reconhecido o terreno acidentado, vai postar-se, para receber um passe a ele **endereçado**, não onde a bola deveria chegar, se as leis da física prevalecessem em Figueira de Melo [...]”

O recorte textual número 4 foi retirado da novela *Páginas sem glória* do escritor Sérgio Sant’Anna. O recorte traz a descrição do lance de um jogo, em que o jogador Conde, personagem principal da novela, recebe o passe.

Na sequência analisada o termo em destaque, endereçado, tenta traduzir o modo como o passe ocorreu. Nos sentidos mais gerais, “endereçado” é algo em que se coloca um endereço, um destino. Esse termo geralmente nos remete a cartas, pois elas sempre devem possuir um endereço, ou seja, um lugar marcado nela para o seu destino.

No contexto apresentado, não se pode marcar no passe o endereço da bola. Um passe endereçado é diferente de uma carta endereçada. No passe endereçado o autor do passe calcula o lugar onde quer que a bola chegue após o passe e seu recebedor. O craque tem para ele um passe endereçado, calculado o lugar onde a bola deve chegar.

SDh: “Só que a bola vem pererecando, pererecando e, no último instante, salta por cima do guarda-meta, para **morrer** no fundo da rede.”

Essa segunda sequência discursiva traz o desfecho da jogada ocorrida em Figueira de Melo, o gol. O início da sequência traz o modo como a bola está percorrendo seu trajeto “pererecando”, isto é, de modo a saltar como uma perereca, num sobe e desce incontrolável.

Após a bola pererecar no campo de jogo, ela cobre o goleiro e vai morrer no fundo da rede. O termo “morrer” assume uma conotação diferente da geralmente empregada. Morrer significa falecer, significa o ponto final da vida. Logo, para que alguém morra é preciso ter vida. Na situação quem morre é a bola, um objeto, inanimado por natureza.

Para traduzir o fim do movimento da bola no fundo da rede, é utilizado o termo “morrer”. Morrer, nesse contexto, significa o fim do percurso da bola. Significa que ela atingiu o “céu”, o lugar onde ela pode descansar em paz, o fundo das redes, enquanto os jogadores comemoram o gol enquanto outros lamentam. Por vezes, mesmo “morta” algum jogador a chuta para longe, como uma pessoa tenta reanimar um morto, mesmo na certeza que não há mais o que fazer.

4.2 – As destacabilidades enunciativas do futebolês.

RT5: “No sábado, Borussia Dortmund e Bayern de Munique decidem mais uma Liga dos Campeões da Uefa, no espetacular estádio de Wembley. Mais um capítulo decisivo da maior competição interclubes do mundo. É uma ótima oportunidade de fazer um exercício de memória e eleger as dez maiores decisões que eu vi.”

EN1: “Mais um capítulo decisivo da maior competição interclubes do mundo.”.

O recorte textual 5 traz de volta a matéria sobre as maiores finais de Liga dos Campeões, pelo blogueiro Vitor Sergio. O recorte textual feito, é da introdução da matéria, que para traduzir o sentimento de expectativa para a final de 2013, o jornalista justifica o produção do texto.

No enunciado número 1, temos a definição feita pelo autor da lista para a competição em análise. O autor inicia o enunciado dizendo ser mais um capítulo, o que nos indica o valor sequencial que possui a competição. Se, é considerada mais um

capítulo, significa que houve outros capítulos e que possivelmente haverá outros. A continuidade expressa por esses termos mostra um pouco a importância da competição.

Logo depois de situar a final como mais um capítulo, o jornalista define a Liga dos Campeões como a maior competição interclubes do mundo. Essa afirmação torna-se destacável pois independe do contexto em que ela é comunicada. A maior competição interclubes do mundo sempre se refere à Liga dos Campeões, pois é nela que os maiores times, os melhores jogadores, os mais robustos orçamentos estão presentes.

RT5.1: “Um jogo que aparece em dez de dez listas de maiores viradas do esporte, mas que não foi tão bom assim. A partida foi muito amarrada, ainda mais com o gol de Mario Basler saindo tão cedo, aos 6 minutos. O United, muito nervoso, tinha a posse mais não conseguia criar chances, enquanto o Bayern foi perigoso nos contra-ataques. Se o Bayern tivesse um finalizador melhor que o limitado Caster Jancker, teria vencido facilmente pois ele desperdiçou quatro boas chances. Só que aí entrou em campo o imponderável. Aos 45 minutos do segundo tempo o Bayern vencia por 1 a 0. E perdeu o título. Sem nem ter a chance de lutar na prorrogação! Melhor que eu contar, é vocês verem...”.

EN2: “Melhor que eu contar, é vocês verem...”.

No recorte textual 5.1, da mesma matéria, traz a final disputada no Camp Nou entre Bayern de Munique x Manchester United. Trata-se de uma virada inesquecível, pois o Bayern vencia o jogo por 1 a 0, até os 45 minutos do segundo tempo e tomou a virada ainda no tempo normal, ou seja, nos acréscimos.

O enunciado em análise foi colocado no fim do texto. “Melhor que eu contar, é vocês verem...” traduz o quanto é difícil descrever e explicar a virada épica. Esse enunciado funciona como destacável, pois sua existência é uma forma de inserir, no discurso do futebol, os imaginários do corpo, em seus dois aspectos, contar oralmente e ver. Enquanto corpos, os sujeitos se utilizam de narrativas orais ou de descrições visuais. Nesta sequência, estamos diante de uma necessidade de mostrar a imagem, uma necessidade do mundo pós-moderno.

RT6: “O Barça teve chance de ampliar o marcador ainda no primeiro tempo, mas Marcelo salvou de cabeça, em cima da linha, após linda jogada de Neymar, que tocou para Suárez chutar de dentro da pequena área.

O Real voltou um pouco melhor do intervalo. Com três chutes em três minutos, os merengues levaram mais perigo à meta de Bravo do que em toda a primeira etapa.”.

EN3: “[...] chance de ampliar o marcador ainda no primeiro tempo [...]”.

O recorte textual 6 é da matéria sobre a vitória do Barcelona diante do Real Madrid. O recorte traz a informação das possibilidades que o Barça teve no jogo. No enunciado 3, a informação é que o time do Barcelona podia ter aumentado a vantagem no placar ainda no primeiro tempo.

O enunciado em análise pode ser considerado destacável por traduzir a possibilidade de um jogo de futebol independente da situação em que o Barcelona vivenciou. “[...] chance de ampliar o marcador ainda no primeiro tempo [...]” refere-se não somente à chance que o Barça teve, mas a tradução do momento de uma equipe em jogo, em que ela está vencendo no primeiro tempo e tem a oportunidade de aumentar essa vitória antes do apito do intervalo.

EN4: “[...] voltou um pouco melhor do intervalo.”

O enunciado número 4 segue a mesma linha de raciocínio. Voltar um pouco melhor do intervalo, na matéria, faz referência a melhor que o Real Madrid obteve na segunda etapa do jogo. No entanto é possível que o enunciado seja destacado para outros contextos.

Ao assistirmos o futebol, percebemos que é normal que uma equipe volte do intervalo melhor do que entrou. Por inúmeros fatores isso ocorre, seja pelo tempo de descanso e quebra do ritmo da equipe que estava melhor; seja pelos efeitos causados pelas instruções do treinador da equipe que está perdendo.

RT7: “**Extremos** – Vamos no popular. Um extremo nada mais é do que um ponta. Lembra do Jô Soares dizendo “bota o ponta, Telê”? Talvez não tenha idade suficiente para isso, mas hoje o ponta é um pouco diferente, é verdade. Eles voltam o campo todo para marcar, acompanham laterais e precisam apoiar o ataque, subir com força para o um contra um. Hein?”.

EN5: Bota o ponta, Telê.

O recorte textual número 7, traz a definição do dicionário do técnico Micalle para uma posição de ataque no futebol. Em questão estão o que antigamente se chamava de pontas e hoje, convencionou-se chamar e extremos.

A mudança ocorrida entre os termos para significar uma posição do jogo, foi acompanhada pela função exercida do jogo que atua nessa posição. Hoje, os pontas são chamados de extremos, jogadores que atuam nas extremidades e que além de atacar ajudam na marcação pelos lados do campo.

A frase destacável para exemplificar como eram chamados os atuais extremos, é de Jô Soares: “Bota o ponta, Telê.”. A frase não depende do contexto em que ela é empregada pois, sozinha ela se refere ao discurso do apresentador Jô Soares, que cobrava do treinador da Seleção Brasileira, Telê Santana, a colocação de extremos no time, ou pontas (para usar o termo da época).

RT7.1: **“Propor o jogo** – Da mesma família do “protagonista”, que chegou ao grande público na gestão Mano Menezes na seleção brasileira. O time que propõe o jogo fica mais com a bola, tenta tomar a iniciativa. Tem uns 60% do tempo a bola no pé, não fica esperando o adversário. O contrário do time que propõe o jogo é aquela equipe que tem outra “proposta de jogo”. O que em outros tempos poderia ser chamada apenas de ferrolho, retranca. Aquele time que “defende como time pequeno”. O que é expressão antiga meio sem sentido – afinal, o time que sabe se defender pouco leva gol e não deve ser pequeno, certo?!”.

EN6: Defende como time pequeno.

O recorte textual 7.1, retirado da mesma matéria traz outro aspecto do jogo de futebol, “propor o jogo”. A definição utilizada para o termo está condicionada à postura de um time em assumir o domínio das ações do jogo.

Em contrapartida ao time que propõe o jogo, o time que abdica de propor o jogo é considerado um time medíocre, um time que “defende como time pequeno”. A definição para o time omissor ao jogo caracteriza como destacável por ser uma definição já presente em muitos contextos discursivos sobre o futebol. Defender como time

pequeno é uma acusação feita ao time que faz uma retranca e não liga para a posse de bola, sempre na espera de um contra-ataque, como única proposta de jogo.

RT8: “O povo tem necessidade de mártires e culpados, e a civilização – se se pode chamar assim o que aqui temos – é feita de sentenças lapidares, imperiais, napoleônicas: “Diga ao povo que fico”; “Independência ou morte”; “Do alto dessas pirâmides não sei quantos séculos nos contemplam”. Ou aquela do citado Vargas: “Saio da vida para entrar na história”. No futebol, uma dessas frases é: “Treino é treino, jogo é jogo”. Sentença esta elevada à primeira pessoa do singular Didi: “Em treino eu treino, em jogo eu jogo”. Ou esta outra, dele mesmo, ou talvez do Gérson: “Quem corre é a bola”.”

EN7: Quem corre é a bola.

O recorte textual número 8, traz o trecho da novela em que aparece a ânsia e a valorização da humanidade por frases que se destaquem de outras, por discursos carregados de significados. Significados que mesmo não sendo facilmente decifráveis são aclamados e aplaudidos pelo grande público como a definição perfeita de um momento.

No enunciado posto em análise, o narrador cita uma frase que ele não sabe por quem foi proferida, se por Didi ou por Gérson: “Quem corre é a bola.”. A frase é tomada para expressar que no futebol a bola deve ser a que deve correr, cabendo aos craques conduzi-las e manuseia-las de modo consciente e controlado, ao invés de correrem desesperadamente de modo equivocado e sem produtividade.

EN8: Treino é treino, jogo é jogo.

O enunciado 8, traz a frase que se traduz pela sua obviedade ao definir o treino como um treino em comparação a um jogo que é um jogo. Dois momentos do futebol são colocados em contraste de definição e utiliza-se o próprio termo para definir a diferença entre eles.

A frase é muito utilizada para expor o quanto é diferente um treino de um jogo. No treino são simuladas as jogadas que podem vir a ocorrer durante uma partida de futebol. O que pelo caráter de simulação, já se dimensiona a diferença que é para a situação real de jogo. As simulações servem apenas para preparar o jogador para o jogo,

no entanto é no jogo que as situações simuladas podem acontecer de um modo diferente, pois vale os 3 pontos ou uma classificação, elevando a importância do jogo

4.3 – Os interdiscursos do futebolês.

RT9: “Milan e Liverpool se reencontravam na final da Liga dos Campeões dois anos após o épico jogo de Istambul (calma, você lerá mais sobre ele daqui a pouco...). Em relação ao jogo anterior, o Milan era menos forte coletivamente, mas tinha um Kaká na sua melhor forma. Já o Liverpool era uma equipe bem mais encorpada do que a da decisão anterior e foi melhor nos primeiros 45 minutos. Na última bola do primeiro tempo, Kaká arrancou e foi derrubado na meia-lua. Pirlo cobrou, a bola bateu no peito de Inzaghi e entrou. Na etapa final um jogaço, com o Liverpool empurrando o time italiano contra seu gol. Dida fez uma defesaça em finalização de Gerrard, evitando o 1 a 1. Rafa Benítez tirou Mascherano para colocar Peter Crouch. Com isso Kaká ficou livre para dar o passe para Inzaghi fazer o 2 a 0 aos 37. Kuyt diminuiu aos 44, os Reds ainda pressionaram por mais quatro minutos, mas o Milan conseguiu o título e sua revanche.

SDa: “[...] (calma, você lerá mais sobre ele daqui a pouco...).”

O recorte textual número 9 traz a análise da final da Liga dos Campeões de 2007, vencida pelo Milan sobre o Liverpool. O jogo marcou a reedição de uma final que entrou para a história depois da final de 2005, que ficou conhecida como “o épico jogo de Istambul” em referência à cidade que presenciou o jogo inesquecível.

Após situar o leitor sobre o reencontro que ocorria em 2007, o autor abre um parênteses para acalmar o leitor que tinha certeza que o jogo de 2005 citado não poderia ficar de fora do top 10. Ao pedir calmar, o autor demonstra e antecipa algo em comum com o leitor: a certeza de que é unânime que a final em Istambul foi épica e deve figurar no top 10 principalmente considerando o recorte de tempo analisado (1994-2012).

SDb: “[...] o Milan conseguiu o título e sua revanche.”

A segunda sequência em apreciação traz o fato decorrente do título do Milan na época 2007, a revanche da época 2005. Em jogo está o interdiscurso de que a final de 2007 era considerada uma revanche, pois dava ao Milan a chance, de dois anos depois, vencer o time que lhe venceu.

O discurso outro é de que o time perdedor ao enfrentar o time vencedor numa mesma situação (final da Liga dos Campeões), tem a oportunidade de fazer a revanche, de dar a volta por cima. E foi o que aconteceu, o Milan venceu a final por 2x1 e sagrou-se campeão.

RT10: “Suárez marcou novamente aos 29 min, do segundo tempo, tirando do goleiro com tranquilidade, para fechar a goleada em grande estilo e deixar o Barcelona ainda mais confortável na liderança do Espanhol, com 30 pontos, seis a mais que o segundo colocado, Real Madrid.”

SDc: “[...] para fechar a goleada em grande estilo [...]”.

O recorte textual 10 é da notícia sobre a vitória do Barcelona. Essa vitória não foi uma simples vitória, foi de goleada. A goleada foi finalizada pelo jogador uruguaio Luis Suárez, que marcou o quarto gol e deu números finais ao placar.

O jogador utilizou sua habilidade para fazer o gol tirando do goleiro, o que significa que ele não deu chances do goleiro alcançar a bola. A jogada proporcionou ao jogador, fechar a goleada em grande estilo. É comum ouvirmos ou lermos essa descrição para o último gol de uma goleada, como uma forma de descrever a cereja (último gol) posta sob o bolo (goleada). Os interlocutores futebolísticos compartilham a ideia de que fechar uma goleada em grande estilo é marcar o último gol de forma categórica.

RT10.1: ““Essa partida entra para a história. É memorável para todos os culés [como são chamados os torcedores do Barcelona]”, disse o técnico Luis Enrique durante a coletiva, em Madri.”.

SDd: “Essa partida entra para a história.”.

Na sequência discursiva em destaque, temos uma análise da partida, feita pelo treinador do Barcelona. Nessa análise, o treinador destaca que a partida entrou para a história. No prosseguimento do discurso, ele lembra que é memorável para todos os torcedores do Barcelona, o que representa uma justificativa para a afirmação anterior.

A caracterização de uma partida que entra para a história é feita quando se tem a certeza que um jogo ficou na memória de quem assistiu a ele. O discurso de que um jogo é histórico é compartilhada pelos espectadores quando o jogo é marcante de algum

ponto de vista, em especial, se o nível de futebol apresentado for de altíssimo nível e isso se traduzir em gols, como nessa goleada.

RT11: “**Ligação direta** – Essa você escuta a cada coletiva de imprensa. E temos certeza também que lê um pouco por aí em textos de jornalistas e experts de forma geral – às vezes a variação é mínima entre os dois grupos. Aquele chute forte que atravessa o campo e procura o campo de ataque, que ignora a passagem pelas laterais e os meias. Sabe? Não tem mais aquela antiga fama de chutão. Mas também não é lançamento. É uma ligação direta.”.

SDe: “Aquele chute forte que atravessa o campo e procura o campo de ataque, que ignora a passagem pelas laterais e os meias.”.

O recorte textual número 11, retirado de uma matéria sobre os termos do futebol, traz a definição de um aspecto de jogo: a “ligação direta”. Segundo o recorte, ela é bastante pronunciada e possui pouca variação em sua definição.

A definição adjunta ao recorte é introduzida pelo pronome demonstrativo “aquele”. Essa organização sintática revela a tentativa do autor em ativar a memória discursiva do leitor para o aspecto do jogo. Quem assiste ou joga futebol saberá do que o autor está dizendo. A definição geral traz a visão da massa sobre a ligação direta: um chute forte que ignora a armação das jogadas.

SDF: “É uma ligação direta.”.

Nesta sequência, temos um discurso da telefonia, no qual as distâncias são diminuídas entre espaços diferentes. Esse encurtamento do espaço é transferido, interdiscursivamente, para as vozes do futebol – técnicos, jogadores, torcedores, radialistas, narradores televisivos e comentaristas –, de modo que a bola se realiza, nesse discurso, como se não atravessasse todo o campo, mas já estivesse nos pés do atacante.

RT12: “Adianta alguma coisa “sair da vida para entrar na história”? Ou terá Getúlio Vargas, o autor da frase, só que na primeira pessoa, fruído a eternidade de um momento

pleno em seu último lance político perfeito e irretocável? Deu Getúlio sua famosa risadinha diante dos problemas que deixava para os adversários, antes de disparar o tiro no coração, coisa de profissional? Fumou seu inseparável charuto enquanto arquitetava?”.

SDg: “Ou terá Getúlio Vargas, o autor da frase, só que na primeira pessoa, fruído a eternidade de um momento pleno em seu último lance político perfeito e irretocável?”.

O último recorte textual, feito na novela de Sérgio Sant’Anna, rememora um fato marcante na política brasileira: o suicídio do presidente Getúlio Vargas. Antes do crime contra sua própria vida, o presidente afirma sair dessa vida para entrar para a história.

Ao citar o último momento de vida de Getúlio Vargas, o autor traz o discurso do próprio presidente para inseri-lo numa descrição que poderia ser futebolística. Ao incorporar na descrição, o termo “último lance” o autor aproxima o discurso do futebol com o discurso sobre a política para redimensionar a descrição do fato criminoso. O fruir de Getúlio é diferente do fruir de um lance magistral no futebol, no entanto, cumulam ambos para a eternidade, cada um a seu modo particular.

SDh: “Fumou seu inseparável charuto enquanto arquitetava?”.

Na última sequência discursiva analisada, temos antes da frase em destaque, a comparação com o futebol ao se considerar os opostos políticos como adversários. Além do trocadilho feito com a palavra “tiro” que no futebol pode significar disparo para o gol, ou chute. Ainda em articulação com o futebol tem a presença do termo profissional, em alusão ao questionamento se o tiro disparado por Getúlio é coisa de profissional.

A descrição da cena continua ao afirmar que Getúlio fumava enquanto produzia seu plano. Arquitetar pode ser utilizado no futebol para significar o planejamento de uma jogada. O presidente arquitetou um lance histórico, o último lance de sua vida.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos ter comprovado a importância do futebol na constituição de discursos, o que desemboca naquilo que afirmamos em nossa justificativa, de que o futebol está presente nas conversas dos alunos de escola, o que faz com que esse trabalho traga interesse para a sala de aula de língua portuguesa.

Em resposta à nossa pergunta de pesquisa, a língua do futebol, mais conhecida como “futebolês”, se realiza em nosso *corpus* principalmente através de vocábulos e algumas expressões, em razão do fato de que os enunciados, específicos da área, são mais voltados para o que em Linguística se denomina *referenciação*, ou seja, atribuir nomes a seres, situações e objetos, com vistas a construir um universo indistinto, excluindo as diferenças. Esse fato, no entanto, não impede que o grupo daqueles envolvidos com futebol não elaborem um estilo e discurso próprios, daí a razão do termo *futebolês*. Interdiscursiva e conotativamente, outros espaços da sociedade são convocados para a construção desse estilo/discurso: política, arquitetura, telefonia etc.

Cabe ressaltar que percebemos alguns enunciados de destacabilidade – aqueles enunciados libertados do contexto – que têm a utilidade de reforçar o futebolês, como um universo significativo independente.

Essa pesquisa é apenas o início de um percurso de pesquisa e não pôde responder a todas as questões exigidas nas relações entre futebol, discurso e sociedade. Esperamos que, em pesquisas posteriores, possamos aprofundar o que aqui foi sugerido, como o papel do futebolês em escolas de ensino médio.

6 – REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. O conceito da estilística. In: _____. **Contribuição à estilística portuguesa**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico: Brasília, INL, 1978. p. 1-25.

CAPINUSSÚ, José Maurício. **A linguagem popular do futebol**. São Paulo: IBRASA, 1988.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DANTAS, Aloísio de Medeiros. **Sobressaltos do discurso**: Algumas aproximações da análise do discurso. Campina Grande: EDUFCEG, 2007.

FERREIRA, Maria Cristina (Org.); INDURSKY, Freda (Org.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. 400 p.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Análise do Discurso na literatura: rios turvos de margens indefinidas. In: _____.; GAMAKHALIL, M. M.; ALVES JUNIOR, J. A. (Org.). **Análise do Discurso na literatura**: rios turvos de margens indefinidas. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 8-25.

GRIGOLETTO, Marisa. **A resistência das palavras**: discurso e colonização britânica na Índia. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução: Sírio Possenti. 1. ed. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Tradução: Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Frase sem texto**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa**. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

MELO, Gladstone Chaves de. **Ensaio de estilística da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

MONTEIRO, José Lemos. **A estilística**. São Paulo: Ática, 1991.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**. In: _____; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Org.). Campinas: Pontes, 2006, p. 11-31.

RIFFATERRE, Michael. **Estilística estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1973.

SOUZA, Denaldo Achorne de. **O Brasil entra em campo!**: Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008.